

<http://www.blogservatorio.info/sobre/?s=holocausto>

*helenafmatos* em [BLASFÉMIAS](#) há 4 dias ([ver fonte](#) ⓘ)

[Que ao menos desmintam!](#) ↓

Ferreira Fernandes tem procurado trazer para o debate o conteúdo duma carta atribuída a Rosa Coutinho e transcrita no livro “Holocausto em Angola” de Américo Cardoso Botelho. Esta carta foi tomada por verdadeira por António Barreto que a citou na sua coluna do PÚBLICO. Nessa carta Rosa Coutinho exortaria Fidel Castro a aterrorizar os angolanos nomeadamente os brancos. Li o livro de Cardoso Botelho e logo também a dita carta que aliás já tinha sido publicada noutros livros. Francamente não me parece que Rosa Coutinho a tenha escrito. Não porque Rosa Coutinho não tenha desenvolvido a estratégia que lá se encontra definida mas sim porque não precisava de escrever nada. A fazer fé em livros escritos sobre Cuba percebe-se que o papel de Rosa Coutinho foi muito mais odioso do que aquilo que está escrito nessa carta. Livros como «Fidel Castro, el final del camino» de Santiago Aroca ou «Castro : subversão e terrorismo em África» de Juan Benemelis não só procuram dar conta do que foi a participação militar cubana em Angola como acabam por referir o papel nela desempenhado por alguns políticos e militares portugueses. Mais precisamente referem a passagem de informações classificadas por militares portugueses ao exército cubano para que este pudesse intervir em Angola.

Numa Angola ainda sob administração portuguesa, civis e militares portugueses passaram aos cubanos a informação necessária para que estes se instalassem e combatessem. Este comportamento tem um nome: traição.

Os livros de Santiago Arouca e de Benemelis a par de relatos sobre a Operação Carlota referem reuniões não apenas em Angola mas também em Havana e Lisboa onde portugueses teriam estado presentes para, com os seus conhecimentos militares e geográficos de Angola, ajudarem os cubanos a desempenhar a sua missão: tornar o MPLA (ou parte dele) senhor de Angola e eliminar qualquer veleidade duma independência que permitisse uma esperança de democracia e aos portugueses continuar a viver em Angola. O terror de que a carta fala era necessário mas, tal como escrevi no início, não me parece necessário que Rosa Coutinho escrevesse sobre isso a Fidel. O seu papel dispensava-o de tais missivas.

Perante a publicação desta carta e os factos revelados por Cardosos Botelho, também eu esperei, como Ferreira Fernandes, «um sobressalto nacional para tirar a coisa a limpo.». Mas na verdade o silêncio dos partidos, dos militares e das instituições nacionais ao longo destes mais de 30 anos sobre a descolonização é ainda mais perturbante do que aquilo que se vai sabendo. Tal como Ferreira Fernandes acabo a concluir «Ou eu tenho razão (...) ou este silêncio é doentio».